

JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6030

Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e O POVO se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

TBaião, baião de 2

Maria José Monte Holanda
dedemonteholanda@yahoo.com.br

Na época junina o baião fica mais em evidência, com as inúmeras e alegres festas dançantes ao som das sanfonas que nos animam, hoje executados por exímios tocadores nordestinos, nos trazendo sempre a lembrança do sanfoneiro maior, e um dos criadores do baião, Luís Gonzaga, junto ao Humberto Teixeira. Esse ritmo dançante continua proporcionando a ideia inicial, que se dança a dois.

Me referi ao ritmo, para chegar ao nosso prato tipicamente nordestino, o Baião de dois, tendo como principais ingredientes, o feijão e o arroz. Dizem alguns, ter surgido em tempo de seca no Nordeste, que para economizar a escassa água, cozinhava-se o feijão e em seguida juntava-se o arroz para cozinhar juntos. É um dos pratos que mais representa essa região. Sal e cheiro verde são os temperos essenciais. Pode ser acrescentado o torresmo, outro petisco quase nosso, pois dizem vir dos portugueses e também fez parte da alimentação dos escravos no tempo colonial. E é uma delícia, feito da barriga

do porco, cortado miúdo e torrado. E pronto, esse seria o baião de dois que ainda poderíamos chamar de tradicional.

Foram sofisticando e acrescentando outros ingredientes, principalmente o queijo, creme de leite, já não sendo mais baião de dois. Podemos até admitir, há quem goste, contando que prevaleça a excelência do par essencial.

Para isso quero chamar a atenção, para o descaso com que estão tratando esse prato. Os componentes essenciais, o feijão e o arroz, devem ser um par, daqueles que dançam um baião, em ritmo e condições mais ou menos iguais. Em qualquer restaurante ou outro local que venda esse prato, o que vejo é a desigualdade gritante, ridícula mesmo: alguns carochos de feijão salpicados numa quantidade maior e desigual de arroz. Acho um desleixo com uma tradição regional e que geralmente todos gostam de conhecer e provar. Os dois componentes principais, têm que ter participação aproximada, remetendo à proposta inicial do par que dançaria junto em pé de igualdade.

Ou então mudaremos o nome: Baião e outros pares.

Sofia Soares Alencar

Benevides Carvalho
benevides.carvalho@yahoo.com.br

Hoje, vinte e três do mês de junho Dois mil e vinte e quatro, o ano Seu bom comportamento é testemunho No que diz respeito, ao zodiaco canceriano.

Nascida na cidade de Fortaleza Bela capital do estado do Ceará Trazendo consigo, o dote da firmeza Mostrando o interesse, pelo estudar.

O seu primeiro banco escolar Foi no Centro Educacional BRASILEIRINHO Ainda hoje, você continua estudando lá Bairro Henrique Jorge, de sua casa, pertinho.

O diploma referente ao doutor do ABC Foi recebido através de uma organizada festinha Você, com seus colegas, fizeram por merecer Com os pais e convidados, batendo palminhas.

Atualmente, cursando o oitavo ano Entre o fácil e o difícil, que a série apresenta

Contudo, com o esforço rompendo o cotidiano

Mesmo que o CELULAR, às vezes, lhe atormenta.

No jardim de seus pais, Domenico e Raquel Você será para sempre, uma flor em botão Para eles, foi por Deus o bonito troféu Que alegra a todos e a cada coração.

Parabéns pela passagem de mais um aniversário Ao completar seus treze e saudáveis aninhos Os estudos para o seu futuro, é o grande cenário E é através do diploma, que concluímos nosso ninho.

Fortaleza, 23 de junho de 2024 Do avô Benevides Machado de Carvalho.

O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARES E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

O silêncio do poço

Marcos França
Ex-Correspondente O POVO

O passado como laboratório de referência
Fugindo pro pensamento
Rejeitando o odor dessa residência.
Como pode uma saudade doer tanto?
A fungada etérea,
A dor na fibra ótica,
Minha antiga casa me deixou aos prantos,
Nem Guernica ficou tão caótica.
O silêncio do poço tomou minha atenção
De encontro ao reflexo
Vejo uma criança espiralando
O que eu tenho para mostrar?
Tenho uma semente pendurada ao meu peito,
Um presente quilombola sobre meu futuro.
Garoto, pelo que você morreu?
Salivas e vontades,
Pupilas e taquicardias.
Para estar aqui fora,
Nas margens estrangeiras.
Ser fuzilado pelas estrelas,
Explodir em todo agora.
Sem mais berros,
Cem vultos seus.
O absurdo em revisitar-se,
O sussurro quieto do futuro,
Os prazeres e desesperos da experiência,
A falha na ordem do caos da consciência.

Escola é para ensino e educação vem de casa

Rafael Pamplona
Conselheiro Jovens Leitores O POVO

Hoje em dia está cada vez mais comum a terceirização de serviços e algumas famílias confundem o papel da família na formação do indivíduo, cobrando assim das escolas que eduquem seus filhos. O acompanhamento da família na vida estudantil dos filhos é fundamental, para o sucesso dos filhos. Porém, o acompanhamento mais importante por parte da família é a atenção aos comportamentos dos filhos e assim poder melhorar, rever ou pedir ajuda no processo de educar o filho, e falto de coisas simples, um "obrigado", um pedido de desculpas quando necessário.

CARLUS CAMPOS



As três gerações da minha família

Jhenyfer Alencar Gomes
Ex-Correspondente O POVO

E Quando nasci minha avó ainda era viva, mas meu avô não. Ela me contava várias histórias sobre a vida dela.

Minha avó nunca disse a data em que nasceu, mas diz sobre alguns momentos da guerra fria. E fala que nessa época os negros já tinham sido libertos pelos brancos, mas só na lei.

Ela teve que virar escrava porque não tinha onde morar e nem o que comer. Passava o dia e noite arrumando, fazendo comida, cuidando de uma criança na casa de uma mulher branca, cujo marido trabalhava viajando pelo mundo e nunca estava em casa.

Minha avó teve minha mãe na época da ditadura, e a patroa dela incentivava a minha avó a colocar minha mãe na escola, e assim aconteceu. Porém, nessa época o governo não queria que as mulheres estudassem, e muito menos, que as mulheres fossem inteligentes. Minha mãe só estudou até

o fundamental, depois disso teve que arrumar um emprego trabalhando na casa de várias pessoas como diarista. Minha mãe participou de várias manifestações contra o governo militar, e foi assim que ela conheceu meu pai (que infelizmente foi morto pelo governo ao descobrirem que ele participava dessas manifestações).

Eu tenho 30 anos agora, sou formada em Direito. Não foi fácil para uma mulher negra e pobre passar numa universidade, nem ficar lá dentro. Sofri vários tipos de preconceitos e racismo, chegaram até a perguntar o porquê de eu não desistir da universidade (e diversas vezes eu mesma fiz essa pergunta para mim).

Eu tenho orgulho de mim, fui a primeira da minha geração a me formar, eu tive esse privilégio. E hoje, eu faço com que outras pessoas pobres, negras que passam por diversas situações tenham a oportunidade de melhorarem de vida e fazerem o que amam, igualmente ao que faço hoje em dia.

Amar

Guilherme Silva
Ex-Correspondente O POVO

Eu queria te amar.
Eu queria te abraçar.
Queria não desperdiçar todo amor que um dia você desperdiçou por mim.
Deixou marcas em mim.
Sempre fiz de tudo por você.
Mais no fim você me deixou.
Eu sempre tenho a sensação de que nunca mais vou ser o mesmo sem você.
Os pensamentos vêm e vão ao final do dia, mas todos eles sempre se lembram de você.
Mas toda vida que eu digo que eu te amo é um desabafo.
Naquela manhã pensei se poderia viver sem você, naquela tarde pensei novamente é ficou mais que notável que naquele dia eu iria te perder.
Enquanto eu chorava, você conhecia alguém melhor para me esquecer.
Dói, dói bastante mas não há cura pra isso tudo que venho sentindo sobre você.

Padronização em massa

Maria Leticia Alves
Ex-Correspondente O POVO

Em face do cenário atual, pouco se discute sobre o quão perigoso podem ser os padrões sociais – que são criados, e dificilmente desconstruídos. Seja cultural, étnico e até mesmo regional, quando um hábito se populariza, muitas pessoas acabam por viver em torno dele, sem se perguntar se aquilo é favorável a sua vida e o porquê. Um exemplo muito relevante disso são posições políticas que passam de geração em geração (a mãe que se posiciona em um lado político porque é o lado que o filho está, por exemplo), será que ela teve o benefício da dúvida? Se pensasse, seu voto seria o mesmo? Dentro dessa perspectiva, é necessário refletir sobre a individualidade de cada pessoa, porque as nossas crenças, aquilo em que acreditamos de verdade, correspondem a maneira como vemos o mundo: e se não possuímos as nossas, estaremos vivendo sob uma eterna ótica do outro.